



FINS DA UNIVERSIDADE

(Resumo)

Antes de entrar no assunto desta tese, os fins da Universidade, penso dever considerar por uns momentos se não valeria mais tê-lo posto de parte, por não dar lugar a dúvidas, e utilizar o tempo que se lhe consagrou com problemas mais concretos. Realmente, vemos que todos os povos civilizados, desde a idade-Média, têm criado e mantido Universidades. Poderá admitir-se que, só por rotina ou por espírito de imitação, tantos povos gastem esforço e dinheiro com uma instituição de que não compreendem claramente os fins?

Na realidade, todos estão de acordo em que a Universidade tem por missão essencial a formação dum escol. E quase todos admitem, como função integrante, a de, pela investigação, promover o progresso da ciência. Mas não basta saber que se quer formar um escol; é preciso dizer de que espécie de escol se trata, e qual o objectivo para o qual se quer formá-lo. Uma e outra coisa dependem do conceito que se forme da Universidade; e é este que teremos de discutir.

Os diferentes conceitos do que seja uma Universidade podem reduzir-se a quatro: o conceito corporativo, o conceito humanístico, o conceito estatista ou totalitário e o conceito profissional ou técnico. Vou procurar expor cada um deles, deixando para o fim o conceito corporativo, mais fácil de compreender depois de expostos os outros.

Segundo o conceito humanístico da Universidade, o escol que esta tem por função criar é um escol de homens de carácter. Interessa menos o que a Universidade ensina do que as personalidades que forma. O ponto fraco deste conceito, compreendido num sentido restrito, é que, com ele, não cabem na Universidade os que estudam as profissões liberais.

O conceito estatista, levado ao extremo, como conceito totalitário, é hoje o que vigora nos países onde um Estado despótico subordina toda a nação a uma ideologia, e procura servidores ao mesmo tempo competente, dóceis, e fanáticos dessa ideologia. Dentro desse conceito, o escol que a Universidade deve formar é o das categorias mais elevadas desses servidores. Os seus inconvenientes estão bem à vista de todos nós.

No conceito técnico, o que interessa não é o homem, nem mesmo um tipo de homem deformado e secretário; interessa o profissional. O escol que a Universidade deve formar é de médicos, engenheiros, etc. Esta maneira de ver traduz-se pelo desprezo da cultura e da formação da mentalidade e do carácter em benefício duma simples aprendizagem profissional.

O conceito corporativo é o primitivo e sempre o mais autêntico. Nasceu com a Universidade, e, como esta, não provio da ideia preconcebida, mas do desenvolvimento natural das instituições. No período mais fecundo da Idade-Média, as escolas claustrais encontraram ambiente para tomarem contacto com a vida civil. Daí nasceram as primeiras Universidades, que, conforme os princípios da época, tomaram a forma de federação dos elementos que as constituíam, - de corporação -; e essa corporação exprimiu

pelo nome o espírito que a animava: "Universitas magistrorum et scholarium", - Universidade de mestres e alunos -.

O conceito corporativo não tem interesse apenas para a época que o criou; pode adaptar-se a todas as épocas e a todos os lugares. E sintetiza tudo o que há de aceitável nos conceitos posteriores. Tudo o que constitui o conceito humanístico se encontra nele, mas alargado. Não exclue da Universidade os que se preparam para uma profissão liberal; por isso engloba também o essencial do conceito técnico. E engloba também esse pressuposto legítimo do conceito estadista de que é preciso formar bons servidores do poder civil.

Por todos esses motivos, o conceito corporativo bem poderia chamar-se, sem mais, conceito universitário, que o é por essência; e onde haja Universidade há vestígios desse conceito. As velhas Universidades inglesas de Oxford e Cambridge, com os seus "colégios" autónomos onde habitam os estudantes e se faz boa parte do ensino, a beleza do ambiente, os tutores encarregados de acompanhar os estudos dos alunos, tirar as suas dúvidas e aconselhá-los na escolha dos cursos, são exemplos frisantes desse conceito, apesar do abalo causado pela Reforma. As próprias Universidades inglesas de fundação recente se subordinam ao conceito corporativo até onde as circunstâncias o permitem.

O conceito corporativo exige que sejam respeitados alguns princípios: a liberdade de fundação dos colégios e outros institutos universitários; a residência dos estudantes nos colégios, a não poder ser em casa da família; a assistência pessoal, directa, para aconselhar e orientar o aluno; e continuidade das instituições universitárias; finalmente, a fidelidade de cada instituto universitário ao seu fim particular, como meio de assegurar o fim geral da Universidade a que pertence. O ensino da teologia tem lugar de honra neste conceito; e, em obediência ao último princípio, deve ser autenticamente teologia da Igreja, sem interferências regalistas.

Em Portugal, o conceito dominante é o técnico. Nem o conceito humanístico, nem o corporativo, encontram ambiente. O conceito estatista também não, - e esse graças a Deus -. Mas muitas situações permitem esperar que vamos assistir a um ressurgimento do conceito corporativo. No Porto, um esforço esclarecido, persistente e cheio de tacto da Reitoria tem conseguido criar verdadeiro espírito universitário, apesar das muitas dificuldades. A Universidade de Coimbra não pode deixar de ter sempre fortes marcas do conceito sob que nasceu. E, em Lisboa, a Oração de Sapiência do ano lectivo corrente na "Universidade Técnica" teve por título "A Universidade, Instituição Corporativa".

Para se realizar qualquer obra no domínio do espírito, é necessário que o terreno esteja preparado. Se fosse publicada súbitamente uma reforma perfeita das Universidades segundo o conceito corporativo, seria muito difícil, neste momento, dar-lhe plena execução por falta de ambiente. Esse somos nós que temos de o criar. Se, com as minhas palavras, tiver concorrido pouco que seja para que isso se realize, darei por bem empregado o esforço que me custaram, e de melhor vontade perdooarei a mim mesmo o tempo que lhes roubei.